

CINEMATECA PORTUGUESA–MUSEU DO CINEMA
TECHNICOLOR: O ESPLENDOR DA COR
12 e 16 de agosto de 2023

BECKY SHARP / 1935

(*A Feira da Vaidade*)

um filme de Rouben Mamoulian

Realização: Rouben Mamoulian / **Argumento:** Francis Edward Faragoh, segundo a peça de Langdon Mitchell inspirada no romance *Vanity Fair* de William Makepeace Thackeray / **Fotografia:** Ray Rennahan / **Director de Technicolor:** Natalie Kalmus / **Direcção Artística:** Robert Edmond Jones / **Música:** Roy Webb (e stock music de Max Steiner-não creditado) / **Coreografia:** Russell Lewis / **Montagem:** Archie F. Marshak / **Maquilhagem para o Technicolor:** Max Factor / **Intérpretes:** Miriam Hopkins (Becky Sharp), Frances Dee (Amelia Sedley), Cedric Hardwicke (Marquês de Steyne), Billie Burke (Lady Bareacres), Allison Skipworth (Miss Crawley), Nigel Bruce (Joseph Sedley), Alan Mowbray (Rawdon Crawley), G.P. Huntley Jr (George Osborne), William Stack (Pitt Crawley), George Hassell (Sir Pitt Crawley), William Faversham (Duque de Wellington), Charles Richman (General Tufto), Doris Lloyd (Duquesa de Richmond), Colin Tapley (William Dobbin), Leonard Mudie (Tarquin), May Beatty (Briggs), Charles Coleman (Bowles), etc.

Produção: Kenneth McGowan (Pioneer Production), para a RKO / **Cópia:** UCLA Film & Television Archive, 35mm, colorida, versão original, legendada eletronicamente em português, 86 minutos / **Restauração da Cópia:** Richard Dayton, Robert Gitt / **Estreia Mundial:** Radio City Music Hall, Nova Iorque, em 13 de Junho de 1935; **da cópia restaurada:** New York Film Festival de 1984 / **Estreia em Portugal:** Odeon e Palácio, em 5 de Maio de 1937.

A sessão de dia 16 tem lugar na Esplanada e decorre com intervalo de 15 minutos. Devido à impossibilidade de corte da cópia cedida e ao facto de ser projetada na esplanada (onde só existe um projetor), esta teve de ser montada em bobines grandes, pelo que haverá, entre os rolos, uma ponta a negro.

Rouben Mamoulian teve o seu papel na evolução do cinema americano na década de 30, com o seu trabalho no som (**Applause, City Streets**), na encenação em geral e na aplicação na cor (Mamoulian foi um mestre do espectáculo no palco com a sua encenação revolucionária de musicais na Broadway na década de 40, e não por acaso foi o primeiro realizador escolhido para o projecto da **Cleopatra** dos anos 60). **Becky Sharp** foi a estreia de Mamoulian com esta última técnica, e foi também a primeira longa-metragem da história do cinema inteiramente filmada com o processo do technicolor tricromático.

A companhia que explorava o novo processo de cor, a Technicolor, fora formada em 1915 por Herbert Kalmus (a sua mulher, Natalie Kalmus, passaria a ser a “conselheira”, ou directora de cor em todas as produções, enquanto a companhia usufruiu do monopólio, que só acabou em fins da década de 40), Daniel Comstock e W. Burton Wescott. O primeiro processo usado não chegou a ser aplicado na indústria devido às dificuldades que acarretava a exigência de duas máquinas de projectar simultâneas. O segundo processo, composto de duas cores (cada uma numa película que eram sobrepostas), começou a ser aplicado em 1922 e durou até 1928 (foi aplicado em sequências de filmes como **The King of Kings** de DeMille ou o **Ben-Hur** de Fred Niblo, entre outros). Em 1928 a Technicolor conseguiu superar o problema das duas películas transferindo as cores para uma só. Foi o Technicolor bicromático que durou até 1933. Com este processo foram feitos 28 filmes, sendo o último **Mystery of the Wax Museum/Máscaras de Cera**, de Michael Curtiz. Em Maio de 1932, a companhia conseguira resolver o último problema, acrescentando uma nova cor dando origem ao technicolor tricromático. Durante os primeiros tempos, devido ao custo elevado do processo, apenas foi aplicado em curtas-metragens (as **Silly Symphonies** de Disney, por exemplo) ou em sequências de filmes a preto e branco (**The Cat and the Fiddle/O Gato e o Violino** de William K. Howard, **House of Rothschild/A Casa Rothschild**, de Alfred L. Werker e **Kid Millions/Rapaz Milionário** de Roy Del Ruth). Em 1935 Merian C. Cooper e John Whitney fundaram a Pioneer Pictures com a intenção de explorar o novo sistema. O primeiro trabalho foi uma curta-metragem, **La Cucaracha** um musical que foi um sucesso de bilheteira, pelo que

apostaram de imediato na produção de uma longa metragem. Entre os vários projectos para a estreia, contaram-se uma versão de **The Three Musketeers** e **The Last Days of Pompeii/Os Últimos Dias de Pompeia** (ambos seriam feitos a preto e branco no ano seguinte, o primeiro por Rowland V. Lee e o segundo por Ernest B. Shoedsack), entre outros, antes de se decidirem por **Becky Sharp**.

Becky Sharp é o título de uma peça escrita por Langdon Mitchell (a partir do romance de Thackeray, *Vanity Fair*, publicado em 1848) e representada pela primeira vez em Nova Iorque, em 12 de Setembro de 1899. A actriz principal, Mrs. Fiske, seria também a intérprete da segunda versão cinematográfica (1915). A peça foi adaptada pela primeira vez em 1911 (com Helen Gardner), e as versões seguintes tiveram lugar em 1923 (com Mabel Ballin) e 1932 (com Myrna Loy). Robert Edmond Jones foi contratado como director artístico, elemento fundamental para a produção a cores e Miriam Hopkins como intérprete (devido às suas exigências salariais, ponderou-se a hipótese, antes de serem satisfeitas, de a substituir por Myrna Loy ou Claudette Colbert). Para a realização, foi escolhido o director de **She Done Him Wrong/Uma Loura Para Três**: Lowell Sherman. As filmagens começaram a 3 de Dezembro de 1934 mas algum tempo depois Sherman apanhou uma gripe que se transformou em pneumonia que lhe provocou a morte a 28 do mesmo mês. Entra então em cena Rouben Mamoulian.

Mamoulian vai imediatamente tomar conta do projecto de uma forma pessoal. Tudo o que Sherman filmara é filmado de novo, e a sua experiência de palco, luz e cores colocam-no em confronto com o director artístico e inclusive com a “senhora Technicolor”, Natalie Kalmus. A sua experiência impõe os seus critérios, como reconhece o director artístico, e Mamoulian vai fazer com as cores o que fizeram com o som e o palco: torná-las funcionalmente dramáticas e significativas. Pode dizer-se que neste campo **Becky Sharp** constrói os arquétipos que irão dominar o uso do Technicolor durante muitos e bons anos. Como todas as experiências o resultado não é, naturalmente, uniforme, **Becky Sharp** tem os seus momentos altos e outros menos conseguidos. Mas neste último caso isso é menos resultante do trabalho de Mamoulian do que do argumento, que por vezes parece evasivo ou com soluções apressadas sem o devido desenvolvimento dramático (a parte da “decadência” de Becky Sharp até ao reencontro com Joseph Sedley/Nigel Bruce). Dos momentos altos destaca-se a sequência do baile tendo em pano de fundo a batalha de Waterloo, verdadeiramente prodigiosa, onde Mamoulian revela todas as suas ideias sobre a utilização dramática das cores, onde dominam o azul dos vestidos e o vermelho das fardas, correndo da direita para a esquerda e vice-versa, em cruzamentos apresentados como uma coreografia. Mas não só. O primeiro plano surge logo como uma espécie de cartão de visita do Technicolor, com um tom berrante que faz as jovens em pose parecerem bonecas de porcelana com as suas maquilhagens. Se o efeito podia parecer gratuito, ele integra-se bem na narrativa, pois sublinha esse carácter de boneca que a educação burguesa no século XIX dava à mulher, e apresenta-se em contraste com a entrada em cena de Becky logo a seguir, no plano oposto ao das suas colegas de escola. Esta oposição é também de classe, porque Becky não faz parte do meio, está ali, mais ou menos, por caridade, e aproveita a saída de uma amiga (Frances Dee) para partir com ela, para tentar a sorte e a fortuna com promoção social. Neste aspecto, Becky é uma das muitas *goldiggers* que o cinema americano mostrava durante a década de 30. O filme, aliás, toma o mesmo tom, das comédias mais ou menos sofisticadas ou musicais que era o campo em que operavam. Becky é arrivista e amoral, mas é isto mesmo que lhe dá o encanto, este tom provocatório com que reage à hipocrisia bem pensante que a rodeia (os livros de regras que atira com uma gargalhada aos pés de quem os ofereceu), e Miriam Hopkins dá-lhe um tom canalha convincente e alegre, naquele que é, talvez, o melhor papel da sua carreira, e que lhe valeu uma nomeação para os Oscars.

O sucesso de **Becky Sharp** foi mitigado, e o Technicolor teria ainda de esperar alguns anos para se impor definitivamente. Quanto ao destino do filme, não foi muito feliz. Com o fim da *Pioneer Pictures* o filme foi vendido em 1943 à *Film Classics* que o relançou numa versão amputada dos 86 minutos originais para 66 minutos, e em Technicolor bicromático em vez do tricromático. Entretanto todas as cópias do filme foram desaparecendo e na década de 50 a cópia foi vendida à televisão a preto e branco. Das cópias originais (cerca de 448) terá sobrevivido apenas a primeira bobina de uma cópia em nitrato. Foi a partir desta que Richard Dayton e Robert Gitt restauraram a cor de uma cópia de 65 minutos. Os restantes 21 minutos apenas puderam sê-lo em bicromático. Esta versão foi apresentada a partir de 1984, inclusive na Cinemateca Portuguesa. Entretanto, nos anos 90 foi descoberta uma versão integral na Cinemateca de Roma, dobrada em italiano, o que proporcionou um novo e mais completo trabalho de restauro das imagens, com o resultado que vamos ver.

Manuel Cintra Ferreira